

As Representações do Jovem na Mídia Impressa Goiana: o Deslocamento de Sentidos Entre o Jovem Perigoso e o seu Envolvimento com Drogas¹

Gardene Leão de CASTRO²
Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO

Resumo

Neste trabalho, o objetivo foi perceber como os jovens são representados no Jornal *Daqui*, veículo de maior circulação impressa em Goiás, em estudo comparativo entre 3 meses dos anos de 2010 e 2014. Pode-se perceber que, desde 2010, o *Daqui* faz uma forte ligação entre juventude, pobreza e o perigo em seu discurso. Em 2014, o núcleo central dessa representação foi deslocado para a explicação do aumento da violência em Goiânia e em Goiás como consequência do envolvimento de jovens com o uso e com o tráfico de drogas. Nota-se, portanto, que os aspectos mais espetaculares e marginais de uma suposta “cultura juvenil” são os pontos de vista que interessam ao diário. As consequências são as construções de estigmas, como o estereótipo do jovem pobre, perigoso, violento e criminoso.

Palavras-chave: mídia; violência; juventude; representações sociais.

A representação do jovem no Jornal *Daqui* em 2010: o perigo.

O *Daqui* é um jornal diário, de formato tabloide, publicado desde 2007 e distribuído pela Organização Jaime Câmara, com circulação em Goiânia/GO e região metropolitana. Com o slogan “Jornal *Daqui*: compacto até no preço”, é conhecido por trazer uma abordagem sensacionalista e popularesca dos fatos, por suas promoções de troca de selos por brindes e pelo seu baixo custo³.

Graças a esta fórmula, ele se tornou o jornal mais vendido em Goiás, superando a todos os seus concorrentes. O *Daqui* possui, atualmente a maior tiragem de jornais impressos do Estado e a 7ª maior tiragem de impressos no Brasil, segundo a Associação Nacional de Jornais. Enquanto o *Daqui* está em 7º lugar no ranking nacional, com tiragem de 162.013 exemplares, o jornal *O Popular*, segundo com maior circulação do Estado,

¹Trabalho apresentado no GP Comunicação, Mídias e Liberdade de Expressão, XV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora efetiva na Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás, Doutoranda em Sociologia pela UFG, Mestre em Educação, Pós-Graduada em Assessoria de Comunicação, Pós-Graduada em Juventude, Relações Públicas. E-mail: gardeneleao@gmail.com.

³ O jornal é vendido por 50 centavos.

aparece em 38º lugar no ranking nacional, com tiragem de 31.487 exemplares (19,4% do total de exemplares do *Daqui*).

O *Daqui* pode ser enquadrado como um veículo de comunicação sensacionalista. Segundo os pesquisadores da comunicação⁴, os veículos de comunicação desse tipo apresentam o entretenimento e o espetáculo como valor para manter o interesse do público pela informação. O diário, normalmente, replica as matérias publicadas no *O Popular*, jornal impresso da mesma empresa (Organização Jaime Câmara), com menor tiragem, considerado mais “sério”, voltado para os públicos A, B e C da capital e interior do Estado. As matérias publicadas no *O Popular* possuem um pouco mais de detalhes sobre os temas abordados, com textos mais longos, gráficos, depoimentos com entrevistas etc. No *Daqui*, essas mesmas notícias são compactadas e ganham um tom mais sensacionalista, com títulos chamativos, trabalhando a linguagem clichê, com gírias, trocadilhos etc.

Após análise das matérias publicadas no jornal, pode-se perceber que o *Daqui*, desde 2010, faz uma forte ligação entre os jovens pobres e o perigo. Com relação às principais temáticas abordadas no diário, desde 2010, como argumentado por Franco *et al* (2011), o uso e o tráfico de drogas aparece nas notícias como um elemento importante que justifica o aumento da violência em Goiânia e região metropolitana, como pode ser observado no trecho de uma notícia publicada em 21 de fevereiro de 2010:

Um rapaz branco de aproximadamente 20 anos e cabelos pretos foi morto a tiros durante um suposto confronto com policiais militares da Rotam por volta das 19h45 de ontem, em um lote da Rua C-7 no Setor Sudoeste... O veículo pertencia a uma comerciante de 34 anos, que informou à polícia que três rapazes em um Uno a abordaram visivelmente drogados. (*grifos meus*) (*DAQUI*, 20 e 21/02/2010.)

Contudo, de maneira geral, nos três meses analisados, em 2010, além das matérias ligadas ao uso e tráfico de drogas, as notícias apresentaram como núcleo central de representação a vinculação do jovem pobre com o perigo. A morte desses jovens foi justificada, principalmente, devido ao cometimento de atos infracionais, por uma suposta troca de tiros com policiais ou, muitas vezes, nem foi justificada.

Esses jovens foram nomeados nas notícias como “menores”, “bandidos”, “perigosos” ou “violentos”. Em outras matérias, eles foram adjetivados como “arruaceiros”, “baderneiros”, “sem compromisso”, “farristas” etc. Portanto, em 2010, os jovens foram representados no *Daqui* como um problema, vinculados ao perigo, à ameaça, e

⁴Aguiar (2008), Angrimani (1995), Amaral (2006 e 2010) e Barbosa (2008).

caracterizados como violentos, agressivos, inconsequentes, como pode ser verificado nos seguintes trechos de notícias:

Sequestraram para gandaia. Jovem de 19 anos e um adolescente foram baleados pela polícia dentro de caminhonete roubada. Um deles disse que a dupla queria curtir a noite... Os garotos queriam a Hillux da vítima e alguns trocados para gastarem na noite, conforme informou o inspetor Newton Moraes, assessor de comunicação da Polícia Rodoviária Federal (PRF)... A vítima teria sido levado junto com o carro pelos bandidos. A vítima ainda viveu uma hora de horror, rodando dentro de seu carro pela cidade junto com os bandidos... (*grifos meus*) (DAQUI, 06 e 07/02/2010.)

Cinco pessoas morreram assassinadas em Goiás entre a noite de sábado e ontem. Entre as vítimas estão um adolescente e um rapaz acusados do roubo de um Honda Civic... De acordo com o boletim de ocorrência registrado no posto da Polícia Civil do Hospital de Urgências de Goiânia (Hugo), Jorge Henrique Santos Maia, de 18 anos, e Francisco Felipe Ferreira Viana, de 16, morreram durante uma troca de tiros com dois policiais militares, no Parque Amazônia, quando os PMs investigavam o roubo de um carro... as vítimas teriam reagido à abordagem dos policiais e por isto foram mortas. (*grifos meus*) (DAQUI, 06 e 15/02/2010.)

Tentou tomar arma de policial e morreu baleado. Um rapaz identificado como Marco Gustavo, de cerca de 20 anos, morreu ontem o Hugo. Ele foi baleado no abdome por volta das 14 horas, quando reagiu a abordagem de dois agentes do 2º DP. (*grifos meus*) (DAQUI, 12/03/2010.)

Foi encontrado, na manhã de ontem, em uma invasão na Rua dos Ferroviários, no Parque Oeste Industrial, o corpo de um rapaz, ainda não identificado. Segundo a polícia, ele tem sinais de vários tiros pelo corpo. O caso será investigado pela Delegacia de Homicídios. (*grifos meus*) (DAQUI, 08/02/2010.)

Como é possível observar, em 2010, as notícias do *Daqui* apresentaram como núcleo central de representação dos jovens o perigo, difundindo a visão da juventude como problema e como uma fase de riscos e de crise. Zaluar (1992) relata que essa não é uma tendência recente na mídia brasileira. Desde a década de 80, no Brasil, aumentou o número de notícias sobre a violência e as altas taxas de criminalidade nas áreas pobres das cidades. Para a autora, as classes sociais desfavorecidas são apresentadas, no discurso midiático, como destinadas, pela pobreza, a praticar direta ou indiretamente, a criminalidade das áreas em que vivem.

Esse tipo de representação que vincula o jovem pobre ao perigo passa a ser ancorado no imaginário da população. Para Moscovici (2012), o mecanismo de ancoragem classifica imagens em um contexto familiar, rotulando pessoas e acontecimentos. Ancorar implica também um pré-julgamento e a construção de estereótipos, favorecendo decisões apressadas, quando é generalizada ou particularizada alguma situação. Nesse caso, os jovens são estereotipados no imaginário da sociedade como perigosos, sendo rotulados de forma generalizada como “bandidos” e “violentos”.

Segundo Zaluar (1992), uma das consequências de tal fixação no imaginário popular é o fato de várias práticas policiais confundirem trabalhadores com marginais, considerados como classes perigosas. Daí a perseguição violenta a adolescentes pobres feita por alguns integrantes da polícia, infelizmente apoiada por parte da sociedade. Barreto (1992) relata que não só a população trabalhadora pobre passou a ser considerada perigosa, mas também suas crianças e adolescentes, que passaram a ser denominados pela mídia como “menores”.

No trecho da matéria intitulada “Sequestraram para gandaia”, é possível perceber a criminalização de jovens e adolescentes ilustrada por Barreto (1992). Além de apresentar a visão da juventude como problema, como uma fase de riscos e de crise, ao dizer que “sequestraram para gandaia” e ao vincular o termo “jovem” e “adolescente” como sinônimo de “bandido”, revelando especificamente a idade destes sujeitos - 15 e 19 anos - os enunciados do *Daqui* parecem indicar um reforço à defesa da redução da maioridade penal, discussão que a mídia defende utilizando estratégias muitas vezes subliminares para formar a opinião do público leitor. Há, no jornal, uma certa regularidade ao citar a idade dos envolvidos em crimes, principalmente quando os infratores são menores de idade.

A naturalização da morte desses jovens também é outro fato comum nas notícias do *Daqui*. A nota intitulada “Tentou tomar arma de policial e morreu baleado” exemplifica essa tendência. Como o rapaz reagiu à abordagem de dois agentes da polícia, ele foi baleado, apontando para uma ação de causa e consequência. Não é preciso dar outras explicações para mais essa morte, que acaba sendo naturalizada como consequência do ato infrator. Esse tipo de morte é anunciada diariamente pelo *Daqui* e não é preciso dar detalhes sobre o caso.

Outro funcionamento regular nas matérias do *Daqui* é a utilização de policiais como única fonte para o levantamento e apuração dos dados. Na notícia “Cinco pessoas morreram assassinadas em Goiás”, a polícia foi o único depoente que informou que Henrique Santos e Francisco Ferreira morreram devido a um suposto confronto com policiais. Ao utilizar apenas depoimentos de policiais, esses jovens e suas famílias são desautorizados a falar. Ao dizer que “as vítimas teriam reagido à abordagem dos policiais e por isso foram mortas”, essas mortes são relatadas como consequência do confronto policial.

Diante da representação que vincula o jovem ao perigo, que já está ancorada no imaginário social de grande parte da população e é cada vez mais legitimada pela mídia, a sociedade passa a defender, conseqüentemente, em um processo de objetivação, medidas cada vez mais punitivas contra a juventude das periferias. Segundo Moscovici (2012),

objetivar é reproduzir um conceito, dando-lhe um sentido concreto, como um complexo de imagens que produzem ideias. No processo de objetivação, a imagem é totalmente assimilada, tornando-se um padrão de estereotipia que apresenta consequências concretas no cotidiano das relações sociais.

As consequências da estereotipia do jovem como perigoso e violento, no processo de objetivação relatado por Moscovici (2012), são soluções que buscam punir, prender e segregar esses jovens pobres, negros, moradores das periferias urbanas, como a defesa da redução da maioria penal, o estímulo à defesa privada, o isolamento espacial das cidades, o não questionamento da existência de grupos de extermínio, formados até mesmo por policiais, favorecendo o processo de sujeição criminal, discutido por Misse (2010).

Porto (2010) confirma que a grande exposição da violência divulgada pela mídia produz um sentimento de medo e insegurança constante, trazendo, como consequência, a representação onipresente da violência nas relações cotidianas, demandando a institucionalização da segurança privada como solução. Mangrini (2003) relata que os cidadãos inseguros acabam por aderir às especulações imobiliárias para se proteger, criando espaços cada vez mais segregados nas cidades. Caldeira (2000) aponta que esse sentimento de insegurança traz consequências na própria constituição espacial das cidades, criando as “cidades dos muros”, como no caso de São Paulo.

Segundo Souza e Rabelo (2011), a consequência do sentimento de insegurança e do medo do crime em Goiânia é a estigmatização do diferente, que deve ser evitado: o mais pobre, morador das periferias. Frattari (2011) confirma que o sentimento de insegurança na capital de Goiás colabora com a produção de representações estereotipadas de um sujeito “produtor da violência”. Para a autora, os jovens moradores das periferias vêm sendo eleitos indiscriminadamente como perigosos, assim como pode ser percebido nas notícias divulgadas pelo *Daqui*.

A estereotipia produzida pelos meios de comunicação tem sérias consequências, como relatado por Moscovici (2012). Segundo o autor, os veículos de comunicação simplificam as dimensões dos estímulos e possibilidades de livre interpretação dos sujeitos, exprimindo a generalidade de uma opinião e a consequente padronização de uma representação social.

A representação do jovem no *Daqui* em 2014: o uso e envolvimento com o tráfico de drogas.

Ao analisar as notícias publicadas no Jornal *Daqui*, o que chamou a atenção durante a leitura comparativa durante os dois anos (2010 e 2014), foi o aumento, em 2014, da justificativa do uso e envolvimento com o tráfico de drogas como causa da morte de jovens em Goiânia e entorno. Antes, a morte desses jovens também era explicada por outros fatores. Em 2014, sobressaltaram, visivelmente, as notícias em que o envolvimento ou uso de drogas foram a causa para o aumento da violência, como pode ser observado nos trechos abaixo:

A violência tomou conta de Goiânia na noite de quinta-feira e madrugada de ontem. Em apenas nove horas, ao menos 14 pessoas foram assassinadas na capital. Os primeiros levantamentos feitos por equipes da Delegacia Estadual de Investigações de Homicídios (DIH) apontam que 71% das mortes foram motivadas pelo envolvimento das vítimas com o crime, principalmente com o uso e tráfico de drogas... O número surpreendeu até mesmo o delegado Murilo Polati, titular da DIH. “Não é normal”, diz. Ele observa que a série de assassinatos está vinculada a vários fatores, sobretudo ao avanço desenfreado do uso e do tráfico de entorpecentes. (*grifos meus*) (DAQUI, 14/06/14).

Companheiro espanca grávida. Vítima já está no sétimo mês de gestação e levou socos. Ela e o agressor seriam usuários de crack. O caso ocorreu na manhã de ontem, no Setor São José, em Goiânia. Daniela Aparecida da Silva, de 26 anos, foi socorrida por policiais militares que passavam perto da residência do casal e ouviram os gritos por socorro. Conforme o depoimento do acusado, o marceneiro André Fernandes Pacheco, o casal é usuário de crack e a mulher teria passado a noite fora em busca de droga. (*grifos meus*) (DAQUI, 05/04/2014)

Uma discussão entre duas mulheres em situação de rua quase acabou em tragédia na tarde de ontem, na Avenida São Clemente, via importante do Setor Campinas. Uma delas acabou atirando contra a outra, que está em estado grave no Hospital de Urgências de Goiânia (Hugo). A PM informou à reportagem que o crime pode ter sido acerto de contas. As duas mulheres são usuárias de drogas e possuem várias passagens pela polícia... (*grifos meus*) (DAQUI, 08/03/2014.)

Um acerto de contas pode ter sido a causa da morte de um homem de 29 anos no fim da manhã de ontem, na Rua J-C, no Jardim Canedo 3, em Senador Canedo... Ainda de acordo com a PM, Marcilon, com seis passagens pela polícia, vinha recebendo ameaças. Familiares teriam relatado que vítima tinha uma dívida com traficantes. (*grifos meus*) (DAQUI, 09/03/2014.)

A Polícia Militar de Trindade teve um domingo agitado. A força de segurança deteve 13 pessoas, sendo 5 menores de idade, em duas ações... Segundo a corporação por volta das 10 horas uma equipe entrou numa casa no Setor Ponta Kayana e prendeu sete pessoas entre homens e mulheres. De acordo com a PM, a residência funcionava como boca de fumo e foi apreendida drogas, dinheiro, computadores, celulares e até viola, guitarra e DVD's.... (*grifos meus*) (DAQUI, 14/03/2014.)

Dois jovens foram presos suspeitos de matar, no início deste mês, um rapaz na boate Avalon, no Setor Goiânia 2. Eles seriam integrantes de uma gangue responsável por crimes na região norte da capital. Segundo Adriano, os jovens dessas gangues se envolvem com o tráfico de drogas e praticam de roubos a homicídios. (*grifos meus*) (DAQUI, 17/04/2014.)

Percebe-se, portanto, que houve uma tendência de deslocamento na representação central sobre esses jovens após 4 anos. Em 2014, o texto jornalístico do *Daqui* passou a enfatizar, de forma mais contundente, o aumento da violência em Goiânia e região metropolitana devido ao envolvimento de jovens com o uso ou tráfico de drogas.

Em matéria publicada em 14 de junho de 2014, a Delegacia Estadual de Investigações de Homicídios relacionou o aumento dos casos de violência em Goiânia, apontando que 71% das mortes foram motivadas pelo envolvimento das vítimas principalmente com o uso e o tráfico de drogas. O delegado Murilo Polati, surpreendido, ao relatar que “não é normal”, reafirmou, na notícia, que a série de assassinatos está vinculada sobretudo “ao avanço desenfreado do uso e do tráfico de entorpecentes”.

Em 2014, durante os três meses analisados, cotidianamente foram publicadas matérias em que as mortes de jovens foram motivadas, segundo a polícia, devido ao envolvimento das vítimas com o uso e o tráfico de drogas. São casos como o homem que espancava a companheira grávida e “o casal é usuário de crack e a mulher teria passado a noite fora em busca de droga”; mulheres que atiraram uma contra a outra e “são usuárias de drogas e possuem várias passagens pela polícia”; um homem morto porque tinha “dívida com traficantes”; menores de idade que gerenciavam “boca de fumo”; dois jovens que “se envolveram com o tráfico de drogas e praticavam roubos e homicídios”, entre outros.

Em agosto de 2014, em entrevista exclusiva⁵ concedida ao Jornal *O Popular*, intitulada “A questão da insegurança em Goiânia”, Marconi Perillo, atual governador do estado de Goiás, ao explicar o fenômeno da violência em Goiânia, reforçou tal argumento: “Se tivesse um homicídio já era muito. Às vezes se encontram muitos casos passionais, uma relação muito grande com droga. Cerca de 80% dos casos tem algum tipo de envolvimento com droga”.

Em 2015, é possível perceber que esse discurso continuou presente de maneira marcante nas notícias veiculadas na mídia impressa goiana. Em matéria⁶ publicada no *O Popular* e replicada no *Daqui*, intitulada “Para polícia, tráfico é a principal causa”, a Delegacia de Homicídios afirma que 80% dos assassinatos em Goiânia acontecem porque a vítima ou assassino possuem ligação direta ou indireta com o tráfico.

Desde 2005, com a interiorização do crack Brasil afora que as polícias estaduais convivem com um dado preocupante nas estatísticas de homicídio. Cerca de 80%

⁵Entrevista publicada em 06 de agosto de 2014, com o título “A questão da insegurança em Goiânia”. Fonte: <http://www.opopular.com.br>. Acesso em 06/05/15.

⁶Matéria publicada em 02 de janeiro de 2015, com o título “Para polícia, tráfico é a principal causa”. Fonte: <http://www.opopular.com.br>. Acesso em 20/04/15.

dos assassinatos são cometidos porque vítima ou assassino possui ligação direta ou indireta com o uso ou tráfico de drogas. De acordo com estatística da Delegacia de Investigações de Homicídios (DIH) cerca de 80% dos assassinatos na capital ocorrem por este motivo (*grifos meus*) (*O POPULAR*, 02/01/2015).

Como o jornal utiliza, em quase todas as notícias, como única fonte, a polícia ou o boletim de ocorrência, há um afinamento entre o discurso do Estado, da polícia e da mídia em relação à associação entre o aumento da violência em consequência do uso e do tráfico de drogas. Esse argumento já está ancorado socialmente e seu funcionamento é de causa e consequência (quem usa drogas ou trafica está sujeito a ser morto ou preso, como relatado no processo de sujeição criminal, estudado por Misse (2010)). O problema não é analisado em suas raízes, considerando as questões sociais, históricas, políticas e econômicas da sociedade brasileira.

Os estudiosos sobre violência no Brasil criticam a atuação do Estado, das instituições e da mídia com relação aos estereótipos em torno da questão do uso e tráfico de drogas. Zaluar (1992) faz duras queixas à atual política repressiva de drogas vigente no país. Segundo ela, há uma indistinção entre o usuário de drogas pobre e o traficante, criminalizando e legitimando a violência contra crianças, adolescentes e jovens pobres, o que aumenta a população carcerária de pequenos usuários. Como forma de objetivação, se amplia o apelo popular em defesa de medidas mais punitivas contra as pessoas que usam ou tem envolvimento com o tráfico de drogas. Segundo a autora, há casos em que a polícia classifica erradamente como usuário alguém que porta uma ínfima quantidade de drogas, enquanto libera um traficante de grande porte.

No Brasil, desde 2006, está em vigor a Lei nº. 11.343, que foi aprovada despenalizando o consumo de drogas e abrandando as penas para o usuário com pequenas quantidades e para o comércio lícito de tais substâncias. Ao estudar a lei e verificar se há violação dos princípios constitucionais penais de garantia da não diferenciação efetivação entre usuário e traficante, Silva (2012) relata que, apesar da atual Lei de Drogas adotar supostamente a prevenção como um dos seus alicerces, a mesma se apoia a extrema repressão à figura do usuário e pequeno traficante, sem diferenciar usuário de traficante e a gravidade que os diferentes tipos de tráfico produzem na sociedade. Segundo a autora, a lei não possui tipos penais intermediários, o que faz com que a polícia aplique e penalize as diversas categorias de traficantes com a mesma demasiada pena, ou quando não faz com que o operador direto confunda o usuário com o traficante, contrariando os princípios de garantias previstos na própria lei e na Constituição Federal. Zaluar (1992) também aponta

para a imprecisão na abordagem policial, que confunde usuário e traficante e aplica penas demasiadamente rigorosas nos dois casos, sem equilíbrio de pesos e medidas.

Para Zaluar (2013), o consumo de drogas é indissociável à condição de exclusão social dos jovens, em um contexto de desemprego e falta de acesso aos direitos básicos. Ao estudar como o tráfico se constituiu no Brasil, analisando o caso específico da cidade do Rio de Janeiro, a autora identificou que ele assumiu proporções de criminalidade internacional, após ter sido proibido legalmente, possibilitando lucros exorbitantes, tendo como motor central a ilegalidade.

Para compreender o fenômeno das drogas e do tráfico no país, além da lógica econômica, a autora também aponta como elemento importante a cultura individualista e de afirmação da masculinidade, que ganha adesão de parcela de jovens pobres que entram para o mundo do tráfico, como possibilidade de ganhos fáceis. Fraga (2003) dialoga com os argumentos de Zaluar (2013). Segundo o autor, para entender o envolvimento de alguns jovens com as drogas e o tráfico, é preciso considerar dois fatores: a atração para a entrada no mundo do consumo e o papel da exploração do trabalho como elemento precarizador das relações sociais.

Em entrevista⁷ ao programa Milênio, o professor de psiquiatria da Universidade de Columbia (EUA), Carl Hart (2014), afirmou que é um erro acreditar na ideia de que as drogas levam as pessoas a cometer crimes, as transformando em monstros. Segundo ele, até quando são analisados os dados criminais, a grande maioria das pessoas que são presas ou apreendidas não usava drogas. Hart (2014) afirma que nos Estados Unidos, a associação entre crimes hediondos e drogas sempre foi usada para servir a objetivos políticos maiores. Atualmente, para ele, o objetivo político é que a associação serve para permitir a regulamentação das drogas para que os órgãos de segurança tenham orçamentos maiores, por um lado. Por outro, permite que os políticos evitem lidar com os verdadeiros problemas que essas comunidades enfrentam, como desemprego, falta de educação etc.

Em entrevista publicada em 2015, a Secretária Nacional de Segurança Pública do Ministério da Justiça, Regina Miki⁸, questiona que, no Brasil, no senso comum, inclusive no discurso das polícias, afirma-se que entre 60% a 70% dos homicídios estão envolvidos

⁷Entrevista publicada em 07 de março de 2014, com o título “Drogas não levam ao caminho do crime”. Fonte: <http://www.conjur.com.br/2014-mar-07/ideias-milenio-carl-hart-professor-psiquiatra-norte-americano>. Acesso em 29/05/15.

⁸Entrevista publicada em 15 de maio de 2015, com o título “Não existe estudo que relacione uso de drogas com a prática de crimes”. Fonte: <http://www.conjur.com.br/2015-mai-17/entrevista-regina-miki-secretaria-nacional-seguranca-publica>. Acesso em 18/05/15.

com drogas. Contudo, para ela, não existe relação direta entre o consumo de drogas e o cometimento de crimes, além do fato que a maioria dos inquéritos no país não é resolvida. Ela argumenta que não há estudos concretos e aprofundados sobre as causas da violência no país. Contraditoriamente, o senso comum, ancorado em representações sociais já cristalizadas, culpabiliza o aumento da criminalidade devido ao uso e tráfico de drogas e à vinculação do jovem pobre como violento e perigoso.

Percebe-se, portanto, que a criminalização dos jovens e da população que possa ter algum envolvimento com a questão já está ancorada no imaginário das instituições, da mídia e da sociedade, que os julgam partir de estereótipos que não tem comprovação jurídica, científica ou acadêmica, como relatam Zaluar (1995), Fraga (2003), Hart (2015), Souza (2012) e Miki (2015).

Moscovici (2012) afirma que as representações sociais convencionalizam objetos, pessoas e acontecimentos, colocando-os como modelo, distinto e partilhado por um grupo de pessoas. Mesmo quando um objeto ou pessoa não se adequa exatamente ao modelo, a sociedade o força a assumir determinada forma, a se tornar idêntico aos outros, sob pena de não ser compreendido ou decodificado, através das representações sociais.

Nesse caso, quando a mídia, a polícia, o Estado e as demais instituições criminalizam constantemente, em seu discurso, o uso e tráfico de drogas, justificando o aumento da violência em decorrência do mesmo, esse senso comum passa a ser ancorado no imaginário da sociedade, fazendo com que todo usuário ou traficante seja classificado como violento ou perigoso, assim como explica Moscovici (2012). A objetivação dessa representação é a exigência de penas cada vez mais severas aos usuários e traficantes de drogas. Quando o governador de Goiás afirma que os casos de violência têm uma relação muito grande com droga e cerca de 80% dos casos comprovam essa tese e, ainda, quando a Delegacia de Homicídios confirma que 80% dos assassinatos em Goiânia acontecem porque a vítima ou assassino possuem ligação direta ou indireta com o tráfico, não resta outro tipo de interpretação para o leitor do *Daqui* a não ser a associação do uso e do tráfico de drogas como sendo uma das principais causas da violência.

Contudo, como discutido pelos estudiosos do fenômeno da violência, diferentemente das notícias apresentadas pelo jornal, é preciso contextualizar a discussão sobre a raiz social do problema das drogas no Brasil. Não há comprovação científica ou penal que confirme a relação direta entre o consumo de drogas e o cometimento de crimes, além do fato de que a maioria dos inquéritos no país não é resolvida. Outras questões muito

mais importantes devem ser discutidas pela imprensa, políticos e pelo Estado, como a falta de oportunidades para jovens de estudo e de trabalho, a restrição de acesso a direitos básicos, à falta de crença dos jovens nas várias instituições e a necessidade de se entrar no mundo adulto, principalmente pela via do consumo de bens materiais e simbólicos. Nenhuma dessas reflexões é encontrada nas matérias divulgadas no *Daqui*. São reforçados estereótipos que criminalizam esses jovens.

Considerações Finais

Pode-se perceber que, desde 2010, o *Daqui* faz uma forte ligação entre juventude, pobreza e o perigo. Em 2014, o núcleo central dessa representação foi deslocado, no discurso do diário, para a explicação do aumento da violência como consequência do envolvimento de jovens com o uso e com tráfico de drogas. Nota-se, portanto, que os aspectos mais espetaculares e marginais de uma suposta “cultura juvenil” são os pontos de vista que interessam ao *Daqui*. Nos seus enunciados são utilizadas estratégias discursivas por meio da nomeação de jovens com adjetivos que os criminalizam, nos termos do conceito de sujeição criminal, de Misse (2008). Esses jovens são o são os matáveis os possíveis de serem mortos, como discute Agamben (2007). Para o autor, alguns tipos são possíveis de serem mortos, pois estão à margem da sociedade e não farão falta.

Os jovens que cometem crimes recebem uma penalização antecipada no discurso jornalístico do *Daqui*, já que grande parte dos casos ainda não foram condenados em sentença judicial quando são publicados como notícia. Ao vincular os termos “adolescente” e “jovem” ao termo “bandido”, os mesmos se inscrevem em um discurso ancorado socialmente que os condena como “marginais” e “perigosos”, alimentando o mito da periculosidade, e caracterizando-os como sujeitos criminais.

A idade dos personagens divulgados nas matérias aparece somente quando se quer identificar o jovem e o adolescente apontados como “menor”. Ao vincular o termo “jovem” e “adolescente” como sinônimo de “bandido” e “menor”, o discurso ancora o reforço à defesa da redução da maioridade penal, que já está objetivado em demandas por penas mais duras contra os adolescentes e jovens, visto que aproximadamente 80% da população do país é a favor da medida.

Nas notícias, a recuperação do jovem infrator se mostra como impossível, quase como uma conversão religiosa, vinculando sua ação criminal como inerente à sua trajetória

de vida. O problema é considerar que a transgressão é um atributo inato do sujeito e que ele não tem possibilidades de “sair do mundo do crime”. Segundo Misse (2010), as representações de “periculosidade”, de “irrecuperabilidade” e de “crueldade” participam de processos de subjetivação que conduzem à justificação da grande quantidade de morte do sujeito criminal, tornando sua tentativa de “sair do mundo do crime” inverossímil, a ponto de exigir praticamente um processo de conversão de tipo religioso (MISSE, 2010, p.19).

Há, ainda, a vinculação da imagem do jovem, principalmente do usuário de drogas, com a ideia da insanidade e da loucura. A dependência química é ancorada à ideia de doença mental, sendo reforçada no imaginário da população pela cobertura midiática através da justificativa do avanço do crack, que explica o suposto aumento da violência em Goiânia e região metropolitana nos últimos anos. O jovem também é considerado improdutivo, referindo-se aos aspectos econômicos e educativos de suas trajetórias de vida. Esses sujeitos não seriam capazes de produzir e consumir tanto quanto os demais, dentro do que é esperado no sistema capitalista.

Na dimensão do individualismo, é possível perceber que o discurso do *Daqui* percebe a violência enquanto um problema inato e exclusivo do indivíduo. Também foi identificado, no texto jornalístico, uma representação onde predomina a ambiguidade em relação ao jovem que comete atos infracionais. Há uma heterogeneidade na produção de sentidos, a partir da representação dos sujeitos, em que o jovem de classes alta e média recebe um tratamento diferenciado do jovem das camadas populares, retratado; inversamente, a partir da perspectiva da violência, do medo e do perigo.

Nas notícias do jornal *Daqui*, a única fonte para relatar os crimes envolvendo jovens é a polícia. Por meio destas representações sobre os moradores das periferias de Goiânia e entorno, não sobram outras possibilidades de interpretação para o público leitor, o que contribui para a ancoragem do estereótipo do sujeito criminal e jovem perigoso. Ao não aprofundar a discussão sobre a realidade das periferias de Goiânia e entorno, estes lugares são separados dos processos de exclusão social que lhes deram origem, sendo caracterizados somente a partir da violência.

Como consequência dessa ancoragem feita pela mídia, especialmente pelo *Daqui*, enraizada nas instituições e nos discursos de grande parte da sociedade, há uma segregação espacial ainda maior na cidade, em que os ricos se trancam em condomínios luxuosos e os pobres são “empurrados” cada vez mais para as regiões periféricas. Aumentam-se as demandas por segurança privada e por medidas cada vez mais duras contra adolescentes e

jovens, como a redução da maioridade penal, além do surgimento de casos de “justiça com as próprias mãos”, como os linchamentos relatados em Goiânia e no estado de Goiás. Vive-se, cada vez mais, um ciclo vicioso onde a violência gera mais violência e a exclusão é potencializada para adolescentes e jovens das regiões periféricas.

Segundo Castro (2015), a criminalização de crianças e adolescentes e jovens é uma tendência que se expande também nas escolas e ganha legitimação sofisticada na ciência. Ao estudar as teses e dissertações sobre “violência escolar” e *bullying* contra adolescentes e jovens no Brasil em todos os programas acadêmicos do país, no período de 2005 a 2012, totalizando 235 trabalhos, a autora percebeu que os estudos indicam tendências de patologização, criminalização e individualização da violência escolar, como se a mesma emanasse exclusivamente do universo das crianças, adolescentes e jovens, se dirigisse a elas mesmas e se restringisse somente a esse universo. Assim, nos estudos sobre violência nas escolas, também não se leva em conta as mediações sociais que geram e mantêm a violência na estrutura social.

Pais (1990) reforça que é fundamental não deixar que os “problemas sociais” e o pessimismo em relação ao discurso científico sobre a juventude tenha influência sobre a própria academia para se discutir sobre a realidade dos jovens. Percebe-se, portanto, que a patologização, a criminalização e a individualização da violência como sendo um problema exclusivo do universo de crianças, adolescentes e jovens das periferias não é uma tendência somente midiática, como no estudo realizado no Jornal *Daqui*. É uma percepção já ancorada em grande parte do pensamento da sociedade, que exige medidas cada vez mais duras e repressivas contra adolescentes e jovens, também presente na própria ciência e nas escolas, como relatado por Pais (1990) e Castro (2015).

As representações sociais do jovem perigoso e violento passam a fazer parte do imaginário da sociedade, sendo amplamente difundidas pelas várias instituições e pelos meios de comunicação. Moscovici (2012) reforça o quanto as representações sociais podem influenciar e motivar os comportamentos de um sujeito e de uma coletividade. Uma vez criadas socialmente e pelos indivíduos, elas adquirem uma vida própria. Ao mesmo tempo em que se movem, as representações sociais podem construir obstáculos, construindo fronteiras imaginárias, que são, muitas vezes, mais resistentes que as fortalezas físicas. As consequências, em alguns casos, são as construções de estigmas e estereótipos que não condizem com a realidade, como no caso da estereotipia do jovem pobre, perigoso, violento e criminoso.

Referências bibliográficas

AGAMBEN, G. *Homo sacer*. O poder soberano e a vida nua. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

AGUIAR, L. Entretenimento: valor-notícia fundamental. Disponível em:
<<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php./jornalismo/article/view/3273/2838>>. Acesso em: 10 set. 2014.

AMARAL, M. *Imprensa popular: sinônimo de jornalismo popular?* In: XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Anais, Brasília, 2006.

_____. *Sensacionalismo, um conceito errante*. Disponível em:
<<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/download/.../4464>>. Acesso em: 10 fev. 2014.

ANGRIMANI, D. *Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa*. São Paulo: Summus, 1995.

BARBOSA, Marialva. *Jornalismo popular e o sensacionalismo*. Disponível em:
<<http://www.versoereverso.unisinos.br/index.php?e=3&s=9&a=31>>. Acesso em: 02 fev. 2014.

FRAGA, Paulo César Pontes. Da favela ao sertão: juventude, narcotráfico e institucionalidade. In: FRAGA, Paulo César; IULIANELLI, Jorge Afílio. *Jovens em tempo real*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

FRATARRI, N. Discursos e representações do medo da violência na cidade de Goiânia. In: SOUZA, D. (Org.). *Violência urbana em Goiás*. Práticas e Representações. Goiânia: Cãnone Editorial, 2011. p.79-113.

HART, C, A. *Drogas não levam ao caminho do crime*. In: <http://www.conjur.com.br/2014-mar-07/ideias-milenio-carl-hart-professor-psiQUIATRA-norte-americano>. Acesso em 29/05/15.

MIKI, R. Não existe estudo que relacione uso de drogas com a prática de crimes. In: <http://www.conjur.com.br/2015-mai-17/entrevista-regina-miki-secretaria-nacional-seguranca-publica>. Acesso em 18/05/15.

MISSE, M. *Crime, sujeito e sujeição criminal: aspectos de uma contribuição analítica sobre a categoria “bandido”*. Lua Nova, São Paulo, 2010.

MOSCOVICI, S. *A psicanálise, sua imagem e seu público*. Petrópolis: Vozes, 2012.

PAIS, J. A construção sociológica da juventude – alguns contributos. In: *Análise Social*, Vol. XXV, 1990, p.139-165.

PORTO, Maria Stela G. *Sociologia da Violência*. Do conceito às representações. Brasília: Verbana Editora. 2010.

SILVA, G. Violência urbana e tráfico de drogas em Goiás. In: *Violência urbana em Goiás: práticas e representações*. Org: SOUZA, D. Editora UFG: Cãnone Editorial, 2011.

SOUZA, D; RABELO, F. Vitimização e sentimento de insegurança em três municípios da região metropolitana de Goiânia. In: SOUZA, D. (Org.). *Violência urbana em Goiás*. Práticas e Representações. Goiânia: Cãnone Editorial, 2011. p.13-31.

ZALUAR, A., Introdução. In: *Drogas e Cidadania*. Org: ZALUAR, A. São Paulo: Brasiliense. 1992.

Castro, L. *Produção científica sobre violência escolar e bullying, no período de 2005 a 2012, no Brasil*. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Educação, Goiânia, 2015.